

MÉTODOS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Emanuella Rachel da Silva Santos¹; Carolina Santos de Miranda².

Universidade Federal de Pernambuco- Campus Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA) - manu.rachel@hotmail.com¹; Universidade Federal de Pernambuco- Campus Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA) – carolmirandasantos@yahoo.com²;

INTRODUÇÃO

Visto as dificuldades em interação social, comunicação e comportamentos estereotipados apresentados pelas crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), faz-se necessário organizar meios de intervir de forma eficaz durante todo o processo de ensino e aprendizagem, auxiliando-as no desenvolvimento da autonomia, pois a inclusão dessas crianças ainda é vista como um desafio, como nos alerta Walter (2017)

A inclusão de alunos com TEA é um processo complexo e ainda muito difícil de ser compreendido pelos docentes, pois muitos sentem-se incapazes de ensinar, comunicar e seguir de forma tranquila o planejamento acadêmico para tais discentes. (p 312)

Essas crianças possuem uma maneira diferente de perceber o mundo a sua volta, o que dificulta a construção de conhecimentos de forma significativa a partir de métodos tradicionais que ainda são usados no contexto educacional. Sendo assim, faz-se necessário compreender a forma como eles percebem o mundo e encontrar uma estratégia pedagógica adequada para ampliar essa percepção e então gerar aprendizagens significativas.

Embora a aprendizagem não seja algo restrito ao contexto escolar, essa pesquisa objetivou socializar meios que possam auxiliar o trabalho de inclusão de crianças com TEA em salas regulares da educação infantil.

Visto que o professor deverá agir como mediador, buscando fazer com que a criança assimile aquilo que de fato é importante para o desenvolvimento de suas competências e habilidades, onde o trabalho deve ser pautado em atender as necessidades apresentadas pelas crianças.

Métodos e programas educacionais

Dos métodos e programas educacionais existentes, a pesquisa aqui apresentada, irá abordar três deles: PECS, FLOORTIME e TEACCH.

Método PECS

O Sistema de Intercâmbio de imagens PECS (Picture Exchange Communication System) visa estimular a independência e autonomia das crianças com Transtorno do Espectro Autista, orientando o uso de fichas as quais serão trocadas pelo o objeto desejado pela criança de forma a fazê-la compreendida pelas demais pessoas, auxiliando assim na comunicação.

O PECS visa ajudar a criança a perceber que através da comunicação ela pode conseguir muito mais rapidamente as coisas que deseja, estimulando-a assim a comunicar-se, e muito provavelmente a diminuir drasticamente problemas de conduta. (MELLO, 2017, p.39)

Por isso, o método tem seu início a partir do que chama atenção das crianças, sendo delas a iniciativa da interação. Inicialmente, pede-se que haja duas pessoas acompanhando esse processo, uma que deverá entregar o cartão que represente o que a criança deseja naquele momento e a outra para receber o cartão da criança. Sempre que receber da criança o cartão a pessoa deverá falar o que ela solicitou sem cobrar que a criança repita. No decorrer desse processo, serão inseridos novos cartões e a criança também aprenderá a criar enunciados simples como: eu quero.

A linguagem das crianças é desenvolvida aos poucos, respeitando o ritmo de cada uma e partindo sempre do que chama a atenção da mesma. Nesse processo o desenvolvimento é gradativo, ampliando o leque das possibilidades de descoberta do mundo. É possível perceber que o PECS é um método fácil de ser aplicado e não necessita de matérias ou equipamentos sofisticados e pode ser usado por pais e/ ou profissionais que trabalham com crianças com TEA.

Método Floortime

O “floortime” visa auxiliar a criança autista a tornar-se mais flexível, a tolerar suas frustrações, ter iniciativa e conseguir planejar e executar atividades, além disso, busca estimular o uso da linguagem seja ela verbal ou não, podendo ser usado aqui também o PECS visto que esse usa a comunicação através das imagens.

Esse método se diferencia do outro pelo fato de pretender explorar a espontaneidade da criança, partindo de coisas presentes em seu cotidiano, além de trabalhar o lúdico para que esse despertar seja sempre prazeroso para a criança, visto que o autismo compromete o ato de brincar que é tão próprio nas crianças, principalmente na faixa etária da educação infantil (Ribeiro e Cardoso 2014)

Se o objetivo é incluir essa criança no contexto social atual, então é necessário, ajudá-la a agir em algumas situações a diminuir o aparecimento dos comportamentos estereotipados. Portanto, atividades como modificar algo na rotina da criança, propor que encontre maneiras de resolver problemas e fazer uso do faz-de-conta estarão presentes no desenvolvimento do floortime. Sendo assim, a criança irá desenvolvendo mecanismos de defesas para conviver com as demais pessoas no mundo onde tudo sempre lhe parece tão estranho. É uma adaptação gradativa, que não objetiva moldar a criança segundo o padrão social estabelecido, mas sim ajudá-la a perceber os mecanismos de defesas que ela possui e como ela pode fazer uso deles.

É a descoberta do caminho que une os dois mundos, os quais inicialmente parecem tão diferentes um do outro, mas que ao serem descobertos e compreendidos podem torna-se um mesmo mundo, diferenciando-se apenas na forma de serem vistos e vividos.

Método TEACCH

O Teacch (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children), que em português significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a comunicação, trata-se de um programa educacional, que foi elaborado a partir da observação do comportamento das crianças autistas em diferentes situações e frente a diferentes estímulos.

Ele tem como objetivo principal tornar a criança autônoma, o máximo possível, na idade adulta. Segundo Bandim (2011)“O TEACCH visa desenvolver a independência da criança, e ao mesmo tempo, eliminar as condutas/comportamentos mal-adaptados, bem como

facilitar o aprendizado no ambiente escolar(p.131)”, sendo este o programa mais utilizado na instituições do Brasil.

Desenvolvido por Schopler na década de 60, o programa ainda traz alerta sobre a organização do ambiente que para atender as orientações faz-se necessário contemplar os cinco fatores relacionados abaixo:

- A estruturação física do espaço
- A organização visual, como o horário diário ou modelos visuais.
- A gestão de problemas de comportamento
- A elaboração de um sistema de comunicação expressiva-receptiva
- Desenvolvimento de um plano de intervenção personalizado que permita aos educadores e pais avaliar os progressos da criança.

Portanto o trabalho realizado a partir desse programa necessita de um envolvimento da instituição educacional e da família da criança, além de um ensino estruturado, pois trata-se de um trabalho em conjunto, que será desenvolvido a partir das necessidades e evoluções da criança.

Esse currículo individualizado deve priorizar a superação das limitações demonstradas pela criança, e não ser mais um agravante para suas dificuldades. Não há como iniciar um trabalho voltado ao desenvolvimento meramente intelectual, se não se pensar antes no que aquela criança necessita para torna-se mais independente, e possa gradativamente percebendo como o mundo a sua volta funciona.

Metodologia

A pesquisa aqui apresentada fundamenta-se na abordagem qualitativa por considerar os aspectos subjetivos dos sujeitos envolvidos, compreendendo assim que a investigação científica, na educação, deve levar em consideração as relações entre sujeito e objeto.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 2001, p.78)

O campo de pesquisa foi uma sala de Nível II na Educação Infantil de escola da rede particular do município de Garanhuns, onde a faixa etária das crianças era entre 4 e 5 anos, totalizando 21 educandos. A turma tinha uma docente e também um apoio pedagógico. Contava com uma estrutura física ampla, e com salas equipadas para o trabalho voltado ao desenvolvimento integral das crianças. O espaço chamado Mansão das Crianças, contava com: sala da fantasia, sala de movimento, sala de leitura entre outras.

Para compreender a utilização de métodos e programas educacionais na inclusão de crianças com Transtornos de Espectro Autista na Educação Infantil, utilizamos como coleta de dados a observação participante e o diário de campo.

A observação participante pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a consideram não apenas uma estratégia no campo da investigação da investigação das técnicas de pesquisa, mas como um método que, em si mesmo, permite a

Resultados da pesquisa

No início do trabalho, a criança teve total liberdade de explorar o ambiente sendo essa adaptação essencial para proporcionar segurança a criança e permitir que os profissionais percebessem a zona de interesse da mesma. Para isso a criança teve acesso aos brinquedos da sala e foi solicitado a família que trouxesse também brinquedos que a criança gostava de manusear quando estava em casa.

Dessa forma foi possível perceber o quanto a criança gostava de animais, e a partir disso a rotina dela passou a ser construída de uma maneira mais organizada.

A criança, a qual daremos um nome fictício de João, era levada a cumprir sua rotina de maneira prazerosa, fazendo-a sentir prazer em cada descoberta feita por ela, por esse motivo ao sair de uma sala a outra, cantávamos músicas que indicasse o que iria acontecer naquele momento.

Ao chegar à sala, a criança tinha sua presença festejada pelo professor que ia recebê-la. Em seguida lhe era oferecido jogos que ajudasse no raciocínio, concentração e também jogos onde ela pudesse brincar de forma mais livre, onde observávamos a relação dela com o objeto.

Ao se aproximar da hora de ir para as salas de atividades especiais, a criança mostrava-se inquieta, como se sentisse a hora se aproximar, então as docentes iam cantando um, dois, feijão com arroz, música que o fazia compreender que iriam para o espaço lúdico.

Nesse espaço o educando sempre ia à sala de fantasia, lugar onde era possível João fantasiar-se e recriar situações por ele conhecida, como brincar de motorista, vestir-se de urso, de índio, entre outros, trabalhando assim o imaginário, visto que as crianças com TEA possuem dificuldades no desenvolvimento da imaginação.

Na sala de movimento, tinham um momento de exercitar o corpo e a mente. A criança era incentivada a fazer os circuitos de maneira correta, para isso a professora que o acompanhava fazia e estimulava a repetição dos movimentos. Dessa forma, além de trabalhar com a psicomotricidade, trabalhavam também atenção e estimulavam a criança a seguir comandos.

A sala de construção permitia descobertas de como brincar com diversos brinquedos. Cada dia era descoberto um objeto novo, e conseqüentemente a forma de manuseá-lo. Um exemplo disso, foi quando João encontrou duas espadas, entregou uma a sua professora e começou a lutar com ela. Da mesma forma, quando encontrou um cavalo de madeira subiu nele, e começou a “fazer de conta” que estava passeando de cavalo. Nesse momento percebemos a utilização do Método Floortime, como meio de auxiliar a criança através do lúdico e para o lúdico.

Além desses grandes momentos de descoberta, a criança mostrava prazer em ir até a sala de leitura e ficar folheando livros, atenta as gravuras, algumas vezes era possível a educadora fazer a leitura convencional da história, em outras era apenas feita uma leitura de imagem.

Ao sair dessa sala, a professora começava a cantar a música Meu Lanchinho, a qual ajudava a criança a compreender que agora iria ser a hora do lanche, além disso, a criança costumava acompanhar a música também.

Após o lanche, junto com a sala, João brincava no parquinho, onde a docente estimulava as outras crianças a procurarem ele para brincar, quando este demonstrava inquietação ou recusava a presença dos outros era conversado com a turma para respeitar o momento dele.

Ao voltar para a sala, iniciava-se o momento do descanso, do qual ele participava também, e era possível a socialização dele com os

colegas da sala. Em seguida todos eram encaminhados a atividade escrita, sendo a atividade de João diferenciada e realizada ora junto aos demais ora em uma mesa separada na tentativa de estimular a concentração do mesmo.

Ao concluir sua atividade, ele saía da sala para o atendimento psicopedagógico individualizado, onde eram traçados objetivos para torná-lo mais autônomo, e percebia-se que o resultado dos trabalhos realizados nas demais salas era demonstrado nesse momento, tal como acontecia o inverso também. No retorno para a sala, assim como todos os educandos, era solicitado que organizasse seu material e aguardasse o portador chegar. A despedida era sempre com beijo e abraços nas professoras e em alguns colegas.

Diante da pesquisa apresentada foi possível perceber que o trabalho voltado para a criança com Transtorno do Espectro Autista necessita de um planejamento individualizado, respeitando as necessidades de cada criança. Além disso, percebemos que os métodos e/ou programas que exigem maior estruturação e organização foram menos usados pelas docentes, as quais recorriam mais ao Floortime, o qual vimos com mais clareza na estruturação da rotina da criança. Sendo assim, o trabalho foi mais voltado para auxiliar a criança com o brincar e a imaginação, entretanto a comunicação e o desenvolvimento cognitivo foram pouco estimulados.

Conclusão

A utilização de métodos e programas educacionais nem sempre estão organizados de forma clara, havendo assim a priorização da sensibilidade e o fazer pedagógico sem associar com os conhecimentos científicos produzidos na área. Dessa forma, percebe-se ainda a necessidade de discutir mais sobre a temática aqui apresentada para que os educadores, a partir das peculiaridades dos seus educandos, possam perceber qual caminho mais adequado seguir dependendo da situação, pois isso será determinante no desenvolvimento das atividades.

O trabalho pedagógico deve priorizar a superação das limitações da criança, tornando-a autônoma e auxiliando-a a ter uma vida de qualidade, portanto além da parte cognitiva faz-se necessário ajudar a criança a compreender atividades cotidianas mesmo que estas pareçam simples, pois para a criança com TEA pode não ser. Isso reforça a importância de conhecer os métodos e programas educacionais a fim de ampliar as possíveis estratégias a serem utilizadas visando o desenvolvimento da autonomia dessas crianças.

Referências

BANDIM, José Marcelino. **A criança autista e a escola: uma abordagem prática**. Recife: Bagaço, 2011.

BRAGA, Iedes Soares. **O desenvolvimento da criança com o espectro de autismo nas abordagens atuais**. Disponível em: revistaeletronica1.hospedagemdesites.ws/revista-eletronica-educacao/pasta_upload/artigos/a9.pdf. Acesso em: ago. 2018

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírley. **Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar**. Revista Brasileira de Educação Especial March 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/288107335>
Acesso em: ago. 2018.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. 104 p.: il.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RIBEIRO, Luciana de Cássia; CARDOSO, Ana Amélia. **Abordagem Floortime no tratamento da criança autista**: possibilidades de uso pelo terapeuta ocupacional. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 399-408, 2014 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.060>. Acesso em: ago. 2018.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. **Diagnosticando o Transtorno Autista**: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas. Psicologia Ciência e Profissão, 2009, 29 (1), 116-131.

WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. PECS - Adaptado na sala de Atendimento. In NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula; SCHIMER, Carolina Rizzotto(orgs). **Salas abertas** : formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2017. 358 p.